

---

## Os bolivianos na periferia de Guarulhos

Ana Lúcia de Oliveira Aguiar

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1536>

DOI: 10.4000/pontourbe.1536

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Referência eletrónica**

Ana Lúcia de Oliveira Aguiar, « Os bolivianos na periferia de Guarulhos », *Ponto Urbe* [Online], 5 | 2009, posto online no dia 31 dezembro 2009, consultado o 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1536> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1536

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© NAU

---

# Os bolivianos na periferia de Guarulhos

Ana Lúcia de Oliveira Aguiar

---

- 1 Meu interesse pela imigração boliviana no Brasil iniciou-se no primeiro semestre de 2007. Entre os motivos encontravam-se, principalmente, a variada composição étnica dos bolivianos e sua forte ligação com as raízes indígenas. A princípio, o trabalho tinha como espaço de pesquisa a cidade de São Paulo, mas ao circular pelas ruas próximas ao Campus da UNIFESP (localizado no bairro dos Pimentas, onde também fui viver depois de ter saído do interior paulista para cursar a universidade) percebi que a presença boliviana ali era muito expressiva.
- 2 A região do Pimentas, periferia da cidade de Guarulhos, faz fronteira com São Miguel Paulista, por sua vez bairro periférico de São Paulo. Caracteriza-se, em seu processo de formação, pela presença de migrantes que saíram de diferentes lugares do Brasil, principalmente da região Nordeste. Na última década, com o aumento dos fluxos de imigração de países vizinhos, tornaram-se perceptíveis mudanças de costumes, hábitos e linguajar no cotidiano dos moradores desse bairro. Diversos grupos de brasileiros, bolivianos, peruanos etc. começaram a mudar a já heterogênea paisagem cultural do bairro dos Pimentas e a construir novas fronteiras.
- 3 Como esta região é muito abrangente, foi importante fazer um recorte espacial. Assim, concentrei-me nas áreas próximas ao Parque Stella (onde vivo), Marcos Freire e “Pimentas”<sup>1</sup>, onde se localiza a Unifesp. Na transversal da rua onde moro, vive uma família de imigrantes bolivianos. Quando saio com destino à Universidade, deparo-me com três crianças que ficam brincando na garagem de sua casa. Se vou em direção à papelaria, encontro um casal de bolivianos indo buscar a filha na escola. Ao pegar carona com uma colega, vejo um casal falando uma língua diferente, com traços físicos tipicamente indígenas das montanhas bolivianas.encontro-me com o “outro”. Fazem parte do meu cotidiano e do de todos aqueles que moram na região, assim como “nós brasileiros” fazemos parte do cotidiano deles.
- 4 Com essas imagens em mente, após algumas leituras sobre o fenômeno da imigração recente em São Paulo, visitas à feira boliviana na Praça *Kantuta*<sup>2</sup> e o constante contato com

estes imigrantes nas ruas do bairro, comecei a pensar na importância de um trabalho sobre os bolivianos na periferia, tendo em vista o caráter específico que o local possui. Também poderia estar ocorrendo uma nova tendência: o deslocamento dos bolivianos do centro da cidade de São Paulo para aquela área da periferia de Guarulhos.

- 5 Antes de discorrer sobre minhas interpretações no que tange à imigração boliviana, é preciso ressaltar as dificuldades encontradas para iniciar o trabalho de campo e, principalmente, manter um contato regular com estes imigrantes. Eles se resguardavam e ficavam com receio de falar comigo quando lhes procurava para conversar. Mesmo depois de dizer que não se tratava de uma pesquisa sobre trabalho e documentação – assuntos temidos por imigrantes ilegais –, alguns ainda não se sentiam bem com minha presença. Quando aceitavam falar, raramente me deixavam gravar nossa conversa. Assim, para quebrar algumas barreiras, sempre carregava comigo a cópia de meu projeto e uma revista sobre os cinquenta anos da imigração boliviana em São Paulo publicada pela Pastoral do Migrante. O local onde mais encontrei abertura para conversar com meus interlocutores foi na feira dominical que acontece no Marcos Freire, talvez porque no momento da venda seja preciso estabelecer uma comunicação mais ampla para comercializar o produto.
- 6 A imigração boliviana em direção à região metropolitana de São Paulo vem de longa data – mais ou menos a partir da década de 50 –, mas foi na década de 80 que este fluxo migratório ganhou intensidade<sup>3</sup>. De lá para cá muitas mudanças ocorreram. O perfil do imigrante boliviano passou por uma diversificação ao longo dos anos. Se antes o maior contingente era proveniente de indivíduos com formação acadêmica e o objetivo era atuar nas respectivas áreas de formação, hoje o nível de instrução educacional decaiu e aqueles que para cá se dirigem vêm em busca, principalmente, das oficinas de costura.
- 7 Para melhor compreender as especificidades do modo de vida dos bolivianos na periferia de Guarulhos e a construção de identidades neste contexto particular passei a questionar alguns imigrantes que anteriormente viviam em São Paulo e agora vivem em Guarulhos sobre o porquê da escolha da região do Pimentas e as diferenças entre viver lá e aqui.
- 8 Para um dos imigrantes entrevistados, as diferenças não são muitas, pois a atividade de trabalho é a mesma. O que distingue os dois lugares é que no bairro dos Pimentas há mais oportunidades de lazer e o campo de trabalho é maior. Este fator me pareceu muito interessante, pois, ao longo das conversas com os imigrantes, percebi que, nesta região, as oficinas parecem obedecer a um regime familiar, diferentemente daquelas descritas pelos meios de comunicação e por alguns estudiosos deste grupo de imigrantes na metrópole paulista. Nos bairros centrais de São Paulo, os bolivianos vivem em um “regime de semi-escravidão”. As condições a que estão submetidos são questionáveis, além de serem proibidos, muitas vezes, de sair da própria oficina. Ao que parece, a constituição de oficinas em outros locais foi uma alternativa encontrada pelos imigrantes a fim de tornar o trabalho mais digno frente às condições em que vivem outros compatriotas.
- 9 Esta situação pode não expressar necessariamente um deslocamento do centro à periferia, mas um crescimento da presença boliviana no bairro, já que vários imigrantes entrevistados vieram da Bolívia direto para Guarulhos, demonstrando haver laços bem firmados nas redes de sociabilidade existentes entre eles. Embora não existam dados oficiais sobre o número de bolivianos que vivem no Pimentas, o relato de um senhor boliviano sobre a presença de seus compatriotas na região pode demonstrar sua expressividade. Para ele, muitos estão aqui desde a infância. Porém, segundo outro boliviano – dono de uma barraca na feira – a presença de seus compatriotas na região se

tornou mais expressiva de uns oito anos para cá. É digna de nota a presença de várias barracas bolivianas numa feira dominical, como a localizada no Marcos Freire, bem como a circulação seja para fazer compras ou para passear.

- 10 Vários imigrantes são reconhecidos socialmente por meio de estigmas atribuídos pelos “estabelecidos”. Além disso, não existem enquanto cidadãos para o Estado brasileiro, pois são “indocumentados” ou clandestinos. A partir dessas situações, vividas por muitos imigrantes, estes constroem estratégias de sobrevivência, “organizam-se socialmente, recriando os seus valores culturais em vista de uma nova imagem social de si mesmos” (SILVA, 1995:14).
- 11 Quando há o deslocamento para outro contexto – neste caso da Bolívia ao Brasil – vários elementos da cultura de origem são acionados na tentativa de construção de uma auto-afirmação enquanto boliviano. Todavia não podemos falar de uma “importação” da cultura. Ocorre, mais propriamente, o que Ulf Hannerz (1997) chama de hibridismo, ou seja, uma aproximação, combinação e (re) significação dos símbolos destes imigrantes com os da cultura local, contribuindo para novas formas de identidades e de diferenciação social. Grande parte do cotidiano da Bolívia fica na memória. Os indivíduos incorporam valores, modos de viver e de vestir, mas que adquirem tonalidades expressivas no contraste com o “outro”. Não é muito difícil andar pelas ruas e encontrar um boliviano com uma camisa da Bolívia, um carro com bandeirinhas do país ou referências à libertação dos povos andinos<sup>4</sup>. Além disso, por mais que se assemelhem às maneiras de se vestir dos brasileiros com o objetivo de diminuir os estigmas, ainda há adornos característicos, como por exemplo, os chapéus de *chollitas* e lenços coloridos.
- 12 Como são imigrantes, não compartilham simbologias e hábitos brasileiros em sua totalidade, ou seja, suas diferenças acarretam olhares de condenação por parte de alguns nativos da região. Como uma forma de autodefesa em relação aos preconceitos e estigmas atribuídos aos imigrantes, penso que procuram se auto-afirmar como bolivianos, principalmente ao se encontrarem nas ruas com outros compatriotas. Na medida em que na Bolívia há diversos grupos étnicos, quando transpomos esse cenário para outro contexto nacional o que encontramos parece ser a identificação do “ser boliviano”. Acredito que haja uma tentativa de construção de uma singularidade nacional em oposição ao “outro” (seja o brasileiro ou outros latino-americanos), fruto do sentimento de pertencer a uma mesma cultura, uma mesma nação, ampliando as fronteiras étnicas originais. Algumas características que remontam ao contexto de pluralidade étnica nacional não se evidenciam de forma tão expressiva no Bairro dos Pimentas. Todos aqueles com quem conversei afirmaram não pertencer a nenhum grupo étnico, porém quase todos falam ou compreendem línguas indígenas que advêm desses grupos. Entretanto, o que se evidencia na Bolívia e se reflete neste contexto de imigração é a sobreposição de grupos com diferentes níveis de poder econômico, como foi possível observar nos plebiscitos ocorridos naquele país no ano de 2008<sup>5</sup>.
- 13 Esta situação pode estar marcada por um tipo de “centralidade” do mundo do imigrante, que estaria vinculada à imagem estereotipada que os cidadãos do país receptor atribuem aos novos moradores.
- 14 O centro, ou melhor, a centralidade estaria ligada à construção de uma identificação neste novo cenário. Observando a imigração boliviana no Brasil, percebo que este “jogo da centralidade” (MACHADO: 2004) possa estar presente. Por mais que estes imigrantes tenham (re)construído suas identidades em outra nação, há um enorme cuidado com a cultura que trouxeram consigo do país de origem, por exemplo quanto à questão da

vestimenta e da utilização das línguas indígenas. Entretanto, os elementos de diferenciação étnico-cultural podem ao mesmo tempo ser fatores de afirmação da identidade nacional em um contexto interétnico e também de discriminação por parte dos brasileiros e entre os próprios imigrantes.

- 15 Outra característica que pude observar, e que talvez esteja inserida nesta centralidade, é a questão do trabalho. Muitos imigrantes desempenhavam atividades de trabalho diferenciadas na Bolívia, alguns, inclusive, com formação acadêmica. Mas ao se deslocarem para outro contexto, neste caso a região do bairro dos Pimentas, parece ter ocorrido uma concentração nas funções relacionadas à costura. Mesmo aqueles que não trabalham diretamente com costura, vão às feiras a fim de venderem o que é produzido por seus parceiros.
- 16 Ademais, a presença de crianças e mulheres grávidas se faz muito expressiva. É provável que muitas crianças já tenham nascido no Brasil, mesmo que o português falado por elas não seja muito claro, já que parece muito mais um “portunhol” carregado. Talvez seja uma estratégia dos imigrantes para permanecer no país, já que uma forma de conseguir os documentos oficiais é se casando ou tendo um filho na nova “pátria”.
- 17 Outro elemento interessante é a língua. Muitos imigrantes que se encontram na região há muitos anos, ou aqueles que vieram ainda crianças, preservam a língua como elemento demarcador de diferenças e de identificação étnica. Quando estão entre eles, não hesitam em usar a língua materna, mas ao estabelecer relações comerciais esforçam-se para serem compreendidos, embora muitas vezes não obtenham grande êxito.
- 18 O que percebi foi o reconhecimento de um indivíduo como pertencente a determinado grupo, o qual é reconhecido pelos demais, na medida em que se utiliza de alguns elementos diacríticos. Durante minhas observações, notei estes imigrantes não necessariamente se conhecem, mas se reconhecem, uma vez que compartilham símbolos, valores, hábitos e gostos semelhantes como membros de uma nacionalidade, havendo também o reconhecimento da divisão de grupos internos. Segundo DaMatta (1985), as diferenças não são demarcadas somente “entre” grupos sociais, mas também internamente.
- 19 Ao cruzar fronteiras, várias mudanças ocorrem na vida do imigrante. Seu cotidiano não é mais o mesmo da Bolívia e o espaço no qual está inserido pode implicar numa ritualização das identidades que o acompanham aonde quer que ele vá, seja no seu local de trabalho, no lugar onde vive, ou simplesmente no caminho que percorre para fazer qualquer atividade rotineira. Neste mesmo sentido, o tempo e o espaço, como categorias culturais, também sofrem alterações.
- 20 O que se observa no caso da periferia de Guarulhos é uma temporalidade que segue a lógica do regime capitalista, a qual rege as relações econômicas no país, mas com algumas peculiaridades: se os imigrantes trabalham dezoito horas na metrópole paulista, no bairro dos Pimentas parece haver uma delimitação de horas de trabalho, além do estabelecimento de dias de folga. Segundo alguns imigrantes, eles trabalham, muitas vezes, de modo semelhante ao do país de origem, porém, diferentemente daquele outro contexto, há a possibilidade de conseguir adquirir bens materiais em menos tempo, bem como de desfrutar atividades de lazer.
- 21 Na medida em que o bairro dos Pimentas está afastado do centro da metrópole, é preciso utilizar o espaço de maneira criativa para que o lazer seja proveitoso economicamente e se obtenha melhor qualidade de vida. Esta situação se reflete na concepção do espaço, ou

melhor, no uso que fazem do espaço urbano e na percepção que têm da construção de fronteiras, sejam elas geográficas ou simbólicas. Deste modo, como os espaços são socialmente construídos, as ações dos indivíduos são formadas pelas relações sociais. Considerando que os indivíduos participam de mais de um grupo social, ou seja, ao mesmo tempo é um imigrante boliviano e também um trabalhador, neste sentido podemos considerar que esses trajetos por ele percorridos acarretam trocas para além dos códigos específicos de um determinado grupo.

- 22 A circulação dos imigrantes bolivianos nas ruas raramente se dá de forma individual. Isto é, sempre estão em grupos, seja com a família ou com amigos, com os quais dividem a mesma casa e até o mesmo local de trabalho. “*Los bolivianos son muy familia, incluso en las oficinas*”, disse-me um informante. Se os imigrantes ainda não constituíram uma família, tendem a criar grupos que circulam nos espaços em que se estabelecem as relações sociais mais amplas, para assim constituí-las. Mas, dificilmente há a circulação de imigrantes em grupos que não sejam aqueles anteriormente dados no espaço da casa. É possível vê-los cumprimentando uns aos outros, se respeitando, todavia não há uma evidência muito clara de que as redes de sociabilidades sejam muito amplas.
- 23 No caso das relações estabelecidas na feira do Marcos Freire é possível ver a apropriação do espaço urbano como uso qualificado daquela rua, pois é ali onde os imigrantes montam suas barracas para vender as roupas que eles mesmos produzem. Se para os brasileiros que vivem na região a feira é utilizada como um ponto de encontro e sociabilidade, para os bolivianos ela parece não ter o mesmo significado. Mesmo no ato público da venda de um produto, o qual faz com que vendedores ampliem suas relações mediante as estratégias de “sucesso econômico” – implicadas no projeto da imigração – e de sobrevivência do grupo no contexto social, não se constituem sociabilidades fora do âmbito da casa. A feira é vista como local de trabalho para os bolivianos e de lazer para aqueles que estão com suas respectivas famílias e grupos. Observou-se, também, que os imigrantes que se encontram mais sozinhos na região evitam sair de casa.
- 24 A sociabilidade entre os diversos grupos de bolivianos pode ser impossibilitada, dentre outros motivos, pelo fato de haver certa circularidade entre eles nos espaços comerciais, como também nos locais de moradia. Ou seja, muitos dos que hoje estão na feira, podem não estar amanhã. Os locais onde hoje residem podem não ser os mesmos daqui a alguns meses. Esta situação pode representar aquilo que Sayad (1998) indica como uma das características do imigrante: a mobilidade. Na medida em que constitui uma força de trabalho provisória e em movimento, modo que lhe condiciona, mesmo se passar a vida inteira no país para onde emigrou, sempre será um imigrante.
- 25 A relação com a rua na feira dominical parece se limitar aos aspectos econômicos. Contei ao todo três barracas de bolivianos na feira do Marcos Freire – número significativo para uma feira que não é tão grande e não cobre a rua inteira –, o que demonstra a forte presença desta população na região. Entretanto, esta não se evidencia somente nas barracas e aos domingos, mas também no enorme número de imigrantes que andam pelas ruas da região do Pimentas no dia-a-dia, seja pra comprar produtos variados em mercados ou na própria feira, seja no uso da rua como espaço de lazer, jogando futebol em quadras de escolas da região, ou somente caminhando por lá. Quando há o encontro de compatriotas no espaço público, percebe-se uma relação de respeito, ao passo que advêm de um mesmo país e se sensibilizam com a situação na qual se encontram.
- 26 A concepção de “fronteiras urbanas” como elemento geográfico delimitador de espaços foi algo que questionei durante o desenvolvimento desta pesquisa. Percebi que a noção de

fronteira que os imigrantes bolivianos atribuem a Guarulhos é diferente daquela que o Estado atribui ou que pode ser concebida nos deslocamentos na vida cotidiana. Quando foram questionados sobre os lugares que costumam freqüentar, certa homogeneização do espaço urbano de São Paulo, como um espaço contínuo, foi acionada por eles. Durante a realização da pesquisa de campo, caí na história do boliviano, pois fui convidado para presenciar as partidas de futebol realizadas na quadra Dom Bosco, que segundo meu informante era “aqui perto”, “logo ali”, na medida em que lhe perguntei se a tal quadra ficava no bairro onde nos encontrávamos. Mas, ao questionar alguns moradores do Pimentas sobre a quadra, descobri que aquele “logo ali” era um “logo ali” de “mineiro” (expressão popular), ou melhor, de boliviano. Não existe a quadra referida no Pimentas: ela está no bairro de Itaquera, na cidade de São Paulo (a cerca de 20 km do bairro onde a pesquisa estava sendo realizada).

- 27 Penso na imigração boliviana como um constante deslocamento de identidades em contínuo processo de ritualização. Onde quer que circulem no espaço urbano, serão eles, não deixarão de ser imigrantes bolivianos, com as suas simbologias, reconhecendo seus compatriotas como igualmente bolivianos, por mais que haja uma disputa econômica em jogo. Assim, o oposto também é válido: nós brasileiros os reconhecemos como sendo o “outro”, pelas suas simbologias, características físicas marcantes etc. Ademais, os imigrantes, mesmo com algumas reconfigurações, são acompanhados pelos estigmas que lhes foram atribuídos, pela centralidade a que estão sujeitos nessa situação de *liminaridade* (TURNER, 1974) que vivenciam na imigração. Qualquer *evento* pode colocar a estrutura em risco, podendo modificá-la. Não estão nem dentro nem fora da estrutura, não têm nacionalidade brasileira nem estão na sua nação de origem, podendo modificar a realidade na qual se encontram, bem como modificar o contexto anterior, o qual pode fazer falta, se alguma situação idiossincrática que os beneficie ou os prejudique venha a ocorrer.

---

## BIBLIOGRAFIA

- DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. In: *Revista Mana, Estudos de Antropologia Social*, Vol. 3, n.1, Abril de 1997, pp.7-39.
- MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. *Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na MetrÓpole* In: Magnani, José Guilherme C; Torres, Lilian de Lucca (Org.) *Na MetrÓpole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008.
- *Festa no Pedaco. Cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Editora Hucitec, 2003.
- MACHADO, Igor José de Renó. *Estado-nação, identidade-para-o-mercado e representações de nação*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2004, v.47 n°1, p. 207-234.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA, Sidney. *A Migração dos símbolos. Diálogo e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo*. São Paulo em Perspectiva, jul/set 2005, v.19, nº 3, p. 77-83.

-----*Bolivianos: a presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

TURNER, Victor. *O Processo Ritua*. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

VELHO, Gilberto e Viveiros de Castro, Eduardo. "O Conceito de Cultura e o estudo de Sociedades Complexas" In: *Espaço cadernos de Cultura USU*. 2(2), 1980.

----- *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

## NOTAS

1. A região do Bairro dos Pimentas, onde esta pesquisa foi realizada, localiza-se "do lado de cá" da Rodovia Presidente Dutra, segundo os moradores da região. Entretanto, há nesta região outros bairros, como por exemplo o Itaim, que para os moradores é considerado "Pimentas". É a região mais populosa da cidade de Guarulhos, onde vivem cerca de 400 mil pessoas. Guarulhos é a segunda maior cidade do Estado, além de ser a maior cidade não-capital e a oitava economia do país, com uma população de 1.251.179. É também, em termos populacionais, a décima segunda cidade do Brasil.

2. A Praça Kantuta, localizada no bairro do Pari, desde 2005 é o ponto de encontro dos imigrantes bolivianos. Este espaço foi cedido pela Prefeitura de São Paulo para a realização das feiras dominicais após um incidente com moradores do bairro. Kantuta é o nome de uma flor do altiplano boliviano e a praça ganhou esse nome dos próprios imigrantes.

3. O cálculo do número de imigrantes bolivianos na região metropolitana de São Paulo não é preciso, havendo divergências entre os dados oficiais do governo brasileiro, que estima existirem cerca de 60 mil imigrantes, e os da Pastoral do Migrante, que diz que o número gira em torno de 80 mil.

4. A bandeira de libertação dos povos indígenas é conhecida com Wiphala, sendo composta pelas cores do arco-íris. Cada cor apresenta um significado e é utilizada como forma de demonstrar a existência e resistência dos povos andinos.

5. Durante o ano de 2008, ocorreram vários referendos por toda a Bolívia promovidos por grupos econômicos regionais para validar os estatutos que atribuem mais autonomia aos departamentos de Santa Cruz de la Sierra (região mais rica da Bolívia), Beni, Pando e Tarija. Juntos os quatro departamentos representam cerca de 80% do PIB do país. O Governo Nacional não reconhece estes referendos por serem "separatistas" e "ilegítimos". Os referendos defendem mais autonomia econômica e administrativa, principalmente no que diz respeito à exploração de hidrocarbonetos. É importante notar que esses departamentos são governados por opositores de Morales. Os conflitos se iniciaram em 2006, quando o presidente Evo Morales assumiu o governo e na medida em que sua política se voltou para uma forte intervenção estatal na economia para garantir o acesso à terra para povos indígenas e camponeses.

---

## RESUMOS

O presente artigo aborda a percepção das identificações dos imigrantes bolivianos residentes no Bairro dos Pimentas, localizado na periferia da cidade de Guarulhos, região metropolitana de São Paulo. Estas identificações convergem em relações de poder e tentativas de construção de uma singularidade nacional constituída nos diversos movimentos de fronteiras culturais e simbólicas presentes no Bairro dos Pimentas. No deslocamento do centro em direção à periferia, traça-se um cenário de contatos e choques culturais com o outro: nas idas e vindas dos trajetos percorridos pelos bolivianos em meio aos seus afazeres cotidianos emerge a pluralidade étnica presente na cidade de São Paulo entre brasileiros, bolivianos e outros latino-americanos.

This article is about the perception of the identifications of Bolivian immigrants living in the neighborhood of Pimentas, located on the periphery of the city of Guarulhos, the metropolitan region of Sao Paulo. These identifications convergen to power relations and attempts to build a national singularity consisted in the various movements of cultural and symbolic boundaries present in the neighborhood of Pimentas. In the displacement of the São Paulo center towards the periphery, a picture of cultural contacts and clashes are drawn with the other in the paths traveled by Bolivians in the streets toward their daily chores. Scenario formed by the multi-ethnic, regional and national between Brazil, Bolivia and others Latin Americans.

## ÍNDICE

**Keywords:** bolivian immigration, identity, periphery

**Palavras-chave:** imigração boliviana, identidade, periferia

## AUTOR

ANA LÍDIA DE OLIVEIRA AGUIAR

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)